

MATO-GROSSO. (Como surgiu, como evoluiu).

VIRGÍLIO CORRÊA

do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Antes que despontasse a História do Brasil, na arraiada luminosa do século XVI, já se lhe achava o desconhecido território diplomaticamente definido por imaginário meridiano pactuado em Tordesilhas, em 7 de junho de 1494 (1).

Os navegantes lusitanos que perlongavam o litoral africano, em busca do caminho para as Índias, através do Atlântico Sul, inesperadamente se viram preteridos pela expedição feliz de Colombo, a serviço de Castela.

O descobrimento da América, a princípio considerada como parte do Oriente fabuloso, tornou indispensável a delimitação das zonas de influência dos dois imperialismos rivais, cujos nautas por ventura se encontrariam algum dia em distante ilha por ambos cobçada.

De princípio, entretanto, nenhuma divergência ocorreu, quando D. Manuel comunicou aos Reis Católicos, em carta minuciosa, de 28 de agosto de 1501, o regresso de Pedro Álvares Cabral, capitão-mor da frota enviada às Índias, e o descobrimento de novas paragens (2).

(1). — Soares (José Carlos de Macedo), *Fronteiras do Brasil no Período Colonial*. Livraria José Olímpio Editora. Rio de Janeiro. MCMXXIX.

Esta monografia contém a *Bula Inter Cetera* de Alexandre VI, que concedeu aos Reis Católicos, soberanos de Castela e Aragão, "tôdas as ilhas e terras firmes achadas ou por achar, para o Ocidente e Meio-Dia de uma linha desde o Polo Ártico ou Setentrão ao Polo Antártico ou Meio-Dia, a qual linha diste de qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas dos Açores e Cabo Verde, cem léguas para o Ocidente e Meio-Dia".

E também o tratado de Tordesilhas, de 7 de junho de 1494, que a substituiu e recuou o meridiano de 100 para 370 léguas, a partir das ilhas de Cabo Verde e não mais de Cabo Verde e Açores.

(2). — D. Manuel, rei de Portugal, escreveu a El-Rei e à Rainha de Castela, carta pormenorizada, a 28 de agosto de 1501, transcrita no volume II da *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Litografia Nacional. Pôrto, MCMXXIII.

Com êsse documento ingressou a terra de Santa Cruz na História em que teria realce, embora se lhe modificasse em breve o título, substituído pelo de Brasil.

Iniciada a ocupação efetiva do litoral atlântico, São Vicente e Buenos Aires assinalaram os dois núcleos extremos que concretizavam os domínios dos vizinhos peninsulares, na América do Sul.

O território mato-grossense tocaria, sem dúvida, ao vasto quinhão espanhol.

As componentes que lhe interferiram no devassamento procederam dos dois centros de irradiação, que substituíram os primeiros ensaios de condensação povoadora.

Em vez de São Vicente, floresceu no planalto, sobranceando a faixa costeira que os piratas assaltavam, a vila de São Paulo, predestinada a empolhar a raça audaz dos bandeirantes.

No estuário platino, se Buenos Aires malogrou, na tentativa inicial, os seus habitantes encontraram melhores condições de êxito em Lambaré, capital da nação guaraní, que se transfigurou em Assunção, ninho inquieto de conquistadores.

De São Vicente, o misterioso Aleixo Garcia investiu para Oeste, decidido a varar o continente, seduzido pela miragem de riquezas deslumbrantes.

Acompanhado de numerosa comitiva guaraní, em cujo idioma se expressava correntemente, transpõe o Paraná, vara o divisor de águas no planalto de Maracajú, desce pelo Emboteteu e desemboca no Paraguai, que atravessa. Além, marinha por escarpas andinas até alcançar paragens opulentas, onde saqueia dos nativos quanto poderia transportar.

Os imitadores de sua expedição aventureira tomariam o caudaloso rio como via preferida de penetração, conforme fizeram Ayolas, Irala, Cabeça de Vaca, Muflo Chaves, que partiram de Assunção, águas acima, desbravaram o vale do Aquidauana, onde assentaram os fundamentos de Santiago de Xerez, para capital da província de Nova-Biscaia, cuja existência precária se patenteou em suas várias transformações.

Ao primeiro período, em cujo decurso Assunção dominou com os empreendimentos expansionistas, sucederia o surto dos bandeirantes, que saíram a campo, decididos a assenhorear-se das regiões a que se julgavam com direito.

Decorrido breve prazo, já não restando na outrora província de Guaíra estabelecimento algum espanhol, os contestantes cruzam o Paraná, destroem as recentes povoações indígenas do rio Pardo e vão, adiante, desmantelar a vila de Santiago de Xerez. Destarte, cessou a influência de Assunção a oeste do rio Paraná, a montante

de Guaíra, onde foi substituída pela que irradiava de Piratininga. E os bandeirantes, a começar do segundo quartel do século XVII, palmilham o sul de Mato Grosso, que ainda não tinha essa denominação, em todos os sentidos. Em suas arrancadas épicas, varejaram os sertões misteriosos, exploraram rios e serras e foram esbarrar, não raro, nas elevações andinas. Muitos sumiram no anonimato, sem que de seus feitos ficasse registro algum. Outros, mais felizes, devem à tradição, e alguns a documentos, a glória de serem atualmente lembrados.

Os anais do bandeirismo apontam os nomes dos caudilhos desabusados, que vararam rincões remotos, até o Araguaia, o Paranaíngua, o Cuiabá, o Guaporé, que mais de um afoito cruzou, em busca do Eldorado.

Raposo Tavares abre nôvo ciclo, ao partir de São Paulo, por volta de 1648. Pelo vale do Paranapanema, alcança o Paraná, que navega de arrepio até Invinheima. Remonta-o e continuando no mesmo rumo transpõe o planalto, para descer ao Paraguai (3).

Assim foi que, antes de encerrado o século, os bandeirantes dilataram o território da Capitania, através do Paraná, ao alto do Amambaí, nos campos das Vacarias, onde estabeleceram ativo centro de operações contra os guaranis. E quando êstes índios, subjugados, despovoaram os aldeamentos próximos, refluindo os sobreviventes em rumo do Sul, ou para o recesso das florestas menos acessíveis, os seus perseguidores desceram aos pantanais, em demanda das tribos que os povoavam (4).

A Pascoal Moreira Cabral coube o destino de imprimir nôvo rumo ao nomadismo bandeirante.

Informado por Antônio Pires de Campos, da existência de populosos aldeamentos, para lá seguiu com os seus parceiros, mas, em vez de capturar os indomáveis ribeirinhos do Coxipó, que lhes rechaçaram bravamente a investida, surpreendeu-os a descoberta, por acaso, do ouro, em meio dos cascalhos do leito e das margens dêsse afluente do Cuiabá. Repentinamente mudaram de parecer os andejes sertanistas.

Não mais andariam exclusivamente à caça de silvícolas, embora não lhes desprezassem o auxílio dos braços.

(3). — Cortesão (Jaime), *Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil*. Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação; *Idem*, *A Fundação de São Paulo, Capital Geográfica do Brasil*. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, 1955.

(4). — Taunay (Afonso de E.). Em Parnaíba, a 30 de julho de 1950, o autor encerrou "o undécimo e último tomo" da série da monumental *História Geral das Bandeiras Paulistas*, iniciada em 1924, que assinalou as façanhas dos incansáveis bandeirantes.

Florescia-lhes o primeiro povoado de Nossa Senhora da Penha, quando se revelou maior possança aurífera à beira do córrego da Prainha, para onde rapidamente se transferiu a onda humana.

Incumbiu-se Manoel dos Santos Coimbra de registrar o sucesso, conforme as praxes tabelioas:

“Aos oito dias do mês de abril de mil setecentos e dezenove anos, neste arraial de Cuiabá, fêz junta o capitão-mor Pascoal Moreira Cabral com os seus companheiros e lhes requereu este termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó”,

de acôrdo com as declarações do escrivão, firmada por 22 sertanistas dos mais graduados da comitiva (5).

E assim aflorou Cuiabá, com ranchos de palha, apressadamente erguidos por entre as lavras opulentas, cuja fama excitou desmedidamente, ao longe, a ambição dos moradores de São Paulo, ao terminar a segunda década do século XVIII.

Desenvolveu-se tão aceleradamente, apesar das dificuldades de tôda ordem, que o próprio Capitão-General D. Rodrigo César de Menezes, não deixou de visitá-la, para assistir à ereção da “Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá”, a 1 de janeiro de 1727.

Daí partiram as bandeiras que devassaram o Alto Paraguai, o Arinos, e contornando o planalto por oeste, o Jaurú e o Guaporé, onde se repetiu a abundância aurífera verificada em Cuiabá, com análoga atração de povoadores.

Improvisaram-se arraiais na Chapada, que o Sararé e o Galera, afluentes do Guaporé, fecundam com a suas águas acachoadas.

A situação patenteava-se estrategicamente favorável à corôa lusitana, que se apressou em colher os resultados promissores.

Começou pela criação de dois governos, um nas minas de Goiás, e outro na de Cuiabá, conforme D. João V comunicou a Gomes Freire, a 9 de maio de 1748, antes da ultimação do tratado de Madri (6).

No título desta segunda capitania, já se associavam os dois distritos, o mais antigo, elevado a vila em 1727 e o mais recente, caracterizado pela vegetação pujante entre o Jaurú e o Guaporé, da qual lhe proveio o título de “Mato-Grosso”.

(5). — Leverger (A.) (Barão de Melgaço). *Apontamentos Cronológicos da Província de Mato-Grosso*. “Revista do Instituto Histórico e Geográfico”. Vol. 205.

(6). — Cortesão (Jaime), *Em Alexandre de Gusmão e o tratado de Madri (1750)*, o autor historiou exaustivamente as negociações que o precederam e acompanharam, em nove tomos copiosamente documentados.

Para dirigi-la, escolheu quem interpretasse fielmente as instruções que lhe recomendaram no parágrafo I:

“Suposto entre os distritos de que se compõe aquela Capitania Geral, seja o de Cuiabá o que se acha mais povoado, contudo atendendo a que no Mato-Grosso se requer maior vigilância por causa da vizinhança que tem, houve por bem determinar que a cabeça do governo se puzesse no mesmo distrito de Mato-Grosso, no qual fareis a vossa mais costumeira residência”.

Acentuou ainda o monarca:

“deveis não só defender as terras que meus vassallos tiverem descoberto e ocupado e impedir que os espanhóis se não adiantem por essa parte” ... (7).

Adstrito às prescrições régias, D. Antônio Rolim de Moura apresentou-se cabalmente para a honrosa missão de inaugurar o governo da Capitania extremeña, para o qual fôra nomeado a 25 de setembro de 1748.

Sòmente em janeiro de 1751, todavia, tomou posse, ao fim de fatigante peregrinação, em Cuiabá, onde permaneceu o tempo indispensável a adotar as providências urgentes.

Antes de findar dezembro, conheceu o sítio denominado Pouso-Alegre, que se lhe afigurou apropriado aos seus propósitos.

Aí se apressou a iniciar a construção da capital raiana, a que deu comêço a 19 de março de 1752, com o título da “Vila-Bela da Santíssima Trindade”, à margem direita do Guaporé (8).

A tarefa administrativa engravecia com as obrigações militares, pois que a metrópole entendia que

“Mato-Grosso é a chave e o propugnáculo do sertão do Brasil pela parte do Perú”.

Deveria, portanto, a nascente Capitania servir de escudo ocidental à imensa colônia lusitana.

E assim o entenderam os seus governadores, que resistiram às investidas, dos castelhanos da Província de Moços, em 1763, renovadas sem maior êxito, em 1767, pelo general presidente da Real Audiência de Chuquisaca, e do general D. Lázaro de Ribera, em 1801, contra o forte de Coimbra.

(7). — *Instruções que V. M. é servida mandar a D. Antônio Rolim de Moura, nomeado governador e capitão-general de Mato-Grosso. “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. LV, parte 2^o.*

(8). — Leverger (A.), *Apointamentos Cronológicos*.

Cuiabá, cujo povoamento se processara à revelia das autoridades, continuaria à sombra do regime legal, a experimentar análogos ou mais graves amofinações.

Não obstante, prosperaram os dois núcleos de cristalização, assim o mais antigo, proveniente da iniciativa particular, como o que aflorou à beira do Guaporé.

Na era da independência, razões políticas internas e externas ocasionaram a transferência da sede governativa para Cuiabá, cuja irradiação aumentou à medida que decrecia a de Vila-Bela.

Embora insulada no centro geométrico da América do Sul, a cidade floresceu, resistindo aos fatores adversos, entre os quais se incluíram a invasão lopesina que assolou a região sulina da província, ameaçando a capital, a epidemia de varíola, mais dizimadora de vidas do que a própria guerra, esbarrada em Melgaço.

Em luta permanente contra os obstáculos, que lhe embaraçavam o progresso, conseguiu, todavia, a província transfigurar-se em estado republicano, e evidenciar que não lhes faltam atributos admiráveis, garantidores de seu engrandecimento, tanto humanos, como físicos.

O ouro, que lhes causou o início do povoamento, não sumiu de todo, encontradiço ainda nas próprias ruas cuiabanas, por ocasião das chuvaradas diluvianas de verão.

Nem o diamante, que no século atual atraiu para o apulenta região entre o rio das Garças e o São Lourenço, milhares de garimpeiros nordestinos e baianos.

O manganês de Urucum avoluma-se em jazidas classificadas entre as maiores do mundo, com a vantagem de se encontrar ao lado de minérios de ferro, que já estão sustentando usina siderúrgica em Ladário.

As reservas florestais, bem que distantes dos centros consumidores, constituem potencial de utilização futura, que poderá motivar a fundação de estabelecimentos industriais, como evidenciam os dois inaugurados em Pôrto-Murtinho para o preparo do extrato de tanino, graças aos quebrachais que sombreiam larga faixa territorial.

O solo, que lhe resulta aqui e ali da decomposição do diabásio, oferece ampla áreas de terra roxa, além de outras variedades igualmente férteis, que empolgaram o entusiasmo de lavradores distantes, no segundo quartel do século passado.

Oriundos do Triângulo Mineiro, atravessaram o Parnaíba, pouco acima da confluência e acamparam em Santana, que serviu de porta de entrada da corrente povoadora mineira, predestinada a espalhar-se para sudoeste até o Apa.

Os gaúchos, insubmissos ao regime instituído em seu Estado, após a derrocada irremediável da Revolução Federalista, cruzaram o Paraná, e por estradas paraguaias alcançaram os hervaes mato-grossenses e ali estanciam por encontrar ambiente propício à expansão de suas atividades rurais.

E assim se constituiu o povo mato-grossense, com o tradicional tronco bandeirante, ao qual se enxertou o ramo mineiro de Santana, o gaúcho de Ponta-Porã, o nordestino dos garimpos e, por último, novamente o paulista, pela Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, além dos forasteiros de diversas procedências transportados pela via fluvial do Paraguai.

Irmanam-se todos no trabalho, como igualmente no heroísmo sereno, que exigiu a conquista paulatina da terra.

Graças à atuação de sua gente, nas ruas citadinas ou nos campos, pode Mato-Grosso orgulhar-se de oferecer à apreciação de observadores estranhos, as provas de seus esforços incessantes, concretizados na conquista e utilização do território planáltico e dos pantanais e no surto de cidades do tipo de Cuiabá, flor de civilização, que abrolhou no ermo dos sertões, a mais de quinhentas léguas do litoral.

De Corumbá, que sobranceando, do cimo de colina calcárea, o Paraguai, pompeia as galas do empório de vasta região, no cruzamento de rotas internacionais, aéreas, fluviais e férreas, aceleradoras do seu engrandecimento.

De Campo-Grande, cuja pujante vitalidade a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil exaltou intensivamente, apressando-lhe a marcha evolutiva.

De Cáceres, cidade que ressurgiu com vigor do seu esmorecimento durante longo período, rematado pela construção da ponte sobre o Paraguai, na rodovia de ligação dessa localidade com a antiga sede do governo, Vila-Bela, que também se beneficiou com a via de comunicação.

De igual maneira florescem os núcleos povoados interjacentes de Lambarí, Panorama, Mirassol, Paixão, e inúmeros outros dispersos pelos vales do Jaurú, Sipotuba, Cabaçal e Rio dos Bugres.

Também manifestam viço crescente as expansões demográficas do distrito de Dourados, na vertente do Paraná, cujo solo dadivoso atraiu agricultores, que lhe ampliaram sobremaneira a produção.

De Rondonópolis de influência alongada até D. Aquino, Jaciara, no vale do São Lourenço, onde se inaugurou moderna e próspera usina de açúcar, de Guiratinga, afamada pelo seu diamante araguaiano.

Maiores progressos ainda resultarão da contribuição da energia elétrica de Urubupungá, que não tardará a distribuir pelas regiões próximas o potencial que lhe proporciona a queda, outrora inaproveitada.

De Sul a Norte estende-se desta maneira o estimulante surto, pelos centros urbanos e rurais, que forcejam por acompanhar o mesmo ritmo de vida em que vibram os modelos mais progressistas.